

O farmacêutico Jaldo de Souza Santos foi reeleito Presidente do Conselho Federal de Farmácia, no dia 20 de dezembro de 2005. Ele obteve 19 dos 24 votos do Plenário e foi empossado imediatamente após a apuração. É a quinta vez consecutiva que Souza Santos é conduzido ao cargo. Antes (em novembro), mais de 90% dos farmacêuticos goianos o reconduziram ao cargo de Conselheiro Federal pelo Estado de Goiás. Em entrevista à PHARMACIA BRASILEIRA, Dr. Jaldo comenta o seu trabalho à frente do CFF, lista as prioridades para a gestão que se inicia, explica o motivo de se referir à atenção farmacêutica, sempre, de forma recorrente e emocionada. Em 2006, Souza Santos completará 50 anos como farmacêutico. Mais que uma testemunha da história da Farmácia, ele é seu protagonista e viveu, na carne, o doloroso processo que, a partir dos anos 60, levou ao fechamento farmácias de propriedade de farmacêuticos, ou à sua venda para leigos, para serem transformadas em "mercearias", segundo ele próprio. Em Goiânia, a Farmácia do Povo, há 50 anos pertencente a Jaldo de Souza Santos, foi a única que resistiu à pressão da nova realidade capitaneada pela indústria farmacêutica e por uma nova legislação criada para o setor. Homem popular entre o povo de sua terra, Dr. Jaldo é tratado com carinho por acadêmicos de Farmácia de todo o País. Tanto que foi mais de 100 vezes paraninfo e patrono de turmas de formandos não só em Farmácia, mas, também, em outras profissões da saúde. À revista PHARMACIA BRASILEIRA, ele comenta as alegrias e tristezas que marcaram a sua carreira profissional e de dirigente do CFF. **Veja a entrevista.**

Pensares e fazeres sobre a Farmácia

Jaldo de Souza Santos elege-se, pela quinta vez, Presidente do CFF. Em entrevista à PB, ele lista as prioridades de sua nova gestão, expõe os seus pensamentos sobre a profissão e analisa as suas gestões anteriores.

Pelo jornalista Aloísio Brandão,
Editor desta revista

PHARMACIA BRASILEIRA – Dr. Jaldo, o senhor está chegando ao seu quinto mandato de Presidente do Conselho Federal de Farmácia. O que o senhor vai priorizar, nesta sua nova gestão?

Jaldo de Souza Santos –

Há muito o que fazer. E a um gestor de um órgão importante, como o CFF, que abriga um universo tão complexo, que é a Farmácia, não cabe optar por fazer uma coisa ou outra, quando todas elas são prioridades, ou seja, tem que fazer uma coisa e outra. Prioridades não faltam. Uma delas será acelerar a criação, de fato,

da Fundação Nacional de Ciências Farmacêuticas, cuja sigla é Funcifar, pertencente ao Conselho Federal de Farmácia.

Eu disse "criar de fato", porque a Funcifar já existe, no papel, desde 1987. Mas só no papel. Nunca se falou dela. Desde a minha primeira gestão, venho instituindo programas voltados à educação farmacêutica, à qualificação



“Prioridades não faltam. Uma delas será acelerar a criação, de fato, da Fundação Nacional de Ciências Farmacêuticas, cuja sigla é Funcifar, pertencente ao Conselho Federal de Farmácia e voltada à educação”.

profissional, à busca do conhecimento novo, atualizado.

Promover melhorias no campo da qualificação, do conhecimento é uma obsessão minha. Mas a burocracia, a falta de recursos necessários, entre outras dificuldades,

acabam desacelerando o ritmo que eu quero dar às ações do Conselho neste campo.

Diante disso, veio a idéia de tirar a Fundação do seu estado latente. Ela será uma entidade benéfica, voltada a atividades culturais, educacionais e científicas. Poderá manter programas de bolsas de estudos em níveis de graduação

e pós-graduação nos cursos de Farmácia, ou, através de parcerias, oferecer, ela mesma, cursos de pós-graduação. Também, poderá apoiar pesquisas científicas no campo da Farmácia, criar laboratórios-escola na área de Análises Clínicas e Toxicológicas e farmácias-escola, entre outras iniciativas.

Até o ano passado, como eu falei, a Funcifar era só uma idéia posta no papel, que vinha dormindo num cartório de São Paulo, onde foi registrada. Àquela época, a sede do CFF ainda era localizada, na capital paulista, mais precisamente na Avenida Liberdade.

Queremos apressar a criação de nossa Fundação, porque uma fundação, por sua natureza jurídica, é ágil e desburocratizada. Ela poderá, então, dar pressa à execução dos nossos projetos, neste campo, e conseguirá levantar recursos a que o próprio Conselho não tem acesso, devido ao seu caráter.

A nossa idéia é, logo em seguida à instalação da Fundação,

criar o Instituto Nacional de Farmácia (INF), o qual se ligará à Funcifar e será o responsável direto pelos seus projetos na educação. De sorte que esta será uma prioridade máxima desta minha gestão.

Outra prioridade é a criação da Farmácia Cruz Verde. Já estamos nesta luta, desde 2003, mas, às vezes, esbarramos em algumas dificuldades políticas ou em incompatibilidades com outros órgãos os quais buscamos como parceiros. A Farmácia Cruz Verde é um modelo profissional de farmácia, caracterizado por ser rigorosamente um estabelecimento de saúde apto a oferecer não só medicamentos, mas serviços no segmento da assistência básica.

Digo que a Farmácia Cruz Verde é um modelo profissional, porque tudo, ali, vai girar em torno dos serviços do farmacêutico, além do medicamento, é óbvio. Este modelo será uma grande contribuição do setor à saúde, pelas mãos do farmacêutico. O Ministro da Saúde, Saraiva Felipe, numa reunião com os diretores do CFF, realizada em novembro, mostrou-se muito sensível a esta nossa proposta, como também às outras. Ele é um homem de visão, sensível e pragmático.

Será prioritário, também, dar continuidade - agora, com mais amplitude, vez que alcançaremos o País inteiro -, o nosso programa de qualificação para farmacêuticos que atuam nas farmácias comunitárias. Inauguramos o programa, em 2005, sob a forma de um piloto, em Brasília, e o expandimos para Goiânia.

Agora, vamos levá-lo ao País inteiro. Os farmacêuticos que já o fizeram têm narrado as suas experiências dentro das farmácias onde atuam. Dizem que as suas vidas profissionais melhoraram, pois têm muito mais a oferecer ao cliente, e com total segurança, pois estão dotados de conhecimento. Dizem que até os seus salários melhoraram. Eles estão realizados.

“Além de tudo o que se diz, a atenção farmacêutica é, também, uma representação simbólica da luta dos farmacêuticos, no mundo inteiro, com vistas a se atar novamente à sua própria história. É o meio de a profissão resgatar o seu prestígio e o caminho que vai religá-la à sociedade”.

Nós queremos, também, aprofundar as nossas relações internacionais. Vamos desenvolver um trânsito de informações entre o Brasil e os grandes centros farmacêuticos, através de organizações profissionais, como a própria FIP (Federação Farmacêutica Internacional) e outras. Esta nossa política vai culminar com a realização, em agosto de 2006, do Congresso Internacional da FIP, em Salvador (BA).

Será a primeira vez que um país latino-americano torna-se sede desse que é o maior e mais conhecido evento farmacêutico do mundo. Para cá, virão as maiores lideranças do setor e farmacêuticos cientistas dos grandes centros de pesquisa. Será uma integração importante para o farmacêutico brasileiro, é óbvio. Portanto, estes serão dois anos dedicados ao conhecimento.

Outro item que vai merecer do Conselho Federal de Farmácia um esforço concentrado será a participação do farmacêutico nos programas de assistência básica e no Programa Saúde da Família (PSF), todos do Governo. Já estamos com o Ministro da Saúde,

Saraiva Felipe, a quem entregamos a nossa proposta de reformulação e fortalecimento da assistência farmacêutica.

Falamos a ele sobre a urgente necessidade de o farmacêutico participar desses programas e ele se interessou muito pelo assunto. Aliás, ele já tinha uma opinião favorável sobre a inserção do farmacêutico nos programas. O Ministro prometeu apressar a nossa participação nos programas, inclusive no PSF.

O Brasil não pode mais conviver com o desperdício de medicamentos, a falta de adesão ao tratamento, a ausência de uma política de uso racional de medicamentos, nem com problemas decorrentes do seu uso, como intoxicações, reações indesejáveis, dentro desses programas de saúde, por causa da falta de farmacêuticos. Portanto, se já fizemos muito, com vistas a sensibilizar, a convencer as autoridades sobre esta verdade, agora, faremos dez vezes mais, porque acreditamos que não há mais volta. E mais: ficamos tocados pela sensibilidade do Ministro.

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor fala de atenção farmacêutica em todos os lugares aonde vai, e com uma expressa emoção. Por que isso?

Jaldo de Souza Santos – Além de tudo o que se diz sobre a atenção farmacêutica, para mim, ela é, também, uma representação simbólica da luta dos farmacêuticos, no mundo inteiro, com vistas a se atar novamente à sua própria história. É o meio de a profissão resgatar o seu prestígio e o caminho que vai religá-la à sociedade.

Para mim, há, ainda, um aspecto muito especial neste contexto. Quando digo que a atenção farmacêutica vai nos religar à sociedade, refiro-me ao profissional altamente qualificado, com plenos conhecimentos técnico-científicos e universais. É esta qualificação que queremos oferecer, como tam-

bém nas áreas das Análises Clínicas e Toxicológicas, da Indústria e outras.

PHARMACIA BRASILEIRA – Falar em Análises Clínicas, o que está reservado ao setor, nessa sua nova gestão?

Jaldo de Souza Santos – As Análises Clínicas são um setor que reúne profissionais dotados de uma qualificação incomum. Não há um profissional desqualificado dentro de um laboratório. É também o setor que mais tem se diversificado. É impressionante a quantidade de novos segmentos que abrem as suas portas ao farmacêutico analista clínico.

O Conselho Federal está muito atento às novidades que surgem, no setor, e vem mantendo-o atualizado. Para tanto, regulamentou, normatizou a atuação do farmacêutico em todas estas novas áreas. São elas a biologia molecular, como os bancos de sangue, de sêmen, de cordão umbilical, de placenta e de órgãos, a imunogenética e a citogenética.

Neste exato momento, estamos concluindo um estudo e elaborando uma minuta de resolução para regulamentar a atuação do profissional nos laboratórios clínicos em veterinária. Mantemos, também, a nossa luta em defesa da atuação do farmacêutico no campo da citologia clínica.

Temos participado ativamente, apoiando as lutas da categoria dentro do Departamento de Laboratórios da Confederação Nacional de Saúde (CNS), entidade sindical que tem, entre os seus objetivos, resolver as demandas dos laboratórios junto aos planos de saúde. Este é um ponto de estrangulamento que precisa ser resolvido.

Os laboratórios reivindicam valores no pagamento dos serviços que prestam aos planos de saúde mais compatíveis com os custos que envolvem esses serviços. Há 11 anos, os planos não reajustam os valores dos pagamentos.

Em 2006, vamos, ainda, elaborar projetos de Residência Farmacêutica em Análises Clínicas e oferecer às universidades. O Governo encaminhou uma Medida Provisória criando a Residência na área da saúde a qual foi aprovada pelo Congresso.

A Residência será caracterizada como ensino de pós-graduação *lato sensu*, e seu foco será todo concentrado na educação em serviço e desenvolvida em regime de dedicação exclusiva. CFF antecipou-se e elaborou propostas de requisitos mínimos para implantação e funcionamento da Residência Farmacêutica no setor de Farmácia Hospitalar. Agora, iremos fazer o mesmo nas Análises Clínicas.

PHARMACIA BRASILEIRA – Voltando à política internacional que o senhor adotou no Conselho Federal, a filiação do CFF à FIP tem trazido que resultados para a Farmácia brasileira?

Jaldo de Souza Santos – Além de romper fronteiras, em um tempo em que fronteiras não devem existir, a filiação do CFF à FIP tem estreitado os laços do farmacêutico brasileiro aos de outros países no campo do conhecimento. É certo que esse processo está se iniciando e dará frutos, mais à frente. Mas outro grande benefício da filiação é o apoio internacional daquele organismo ao Conselho.

Para se ter uma idéia, um dos atuais diretores e candidato à Presidência da FIP, o norte-americano John Gans, criticou veementemente o Fórum Farmacêutico das Américas (FFA), por ter preterido o seu apoio à implantação do Programa Farmácia Profissional do CFF.



Uma declaração dessa tem sempre um peso internacional. Gans é um forte candidato a Presidente da FIP e uma das mais expressivas lideranças farmacêuticas do mundo. Ele já manifestou simpatia aos nossos programas e projetos. O outro candidato a Presidente da FIP é o canadense Khamal Midha, com quem temos também boas relações e que igualmente conhece as nossas propostas.

Ou seja, rompemos fronteiras, filiamos-nos à mais importante e mais representativa organização farmacêutica do mundo, na qual inclusive temos voz e voto, e construímos uma relação de amizade e respeito que, certamente, trará bons frutos para o Brasil.

Mas já que falamos de aproximação, não posso deixar de dizer que nós nos aproximamos muito, também, dos organismos de saúde do próprio Brasil, como o Ministério da Saúde. O Ministro sabe o que pensamos, conhece o aquilo que temos de propostas para transformar a assistência farmacêutica. Ele sabe que o Ministério precisa dos farmacêuticos para minimizar os custos do Governo com o medicamento.

PHARMACIA BRASILEIRA – O senhor acaba de ter um feito inusitado: chega à sua quinta eleição como Presidente do Conselho Federal de Farmácia. Há uma consideração pertinente a fazer: o senhor foi eleito com 20 dos 24 votos do Plenário. Também, se elegeu Conselheiro Federal por Goiás com quase 90% dos votos dos farmacêuticos do Estado. Os seus amigos dizem que o senhor é um líder nato. Um líder nasce feito, ou é construído, trabalhado?

“A minha obra à frente do Conselho Federal de Farmácia só estará concluída, quando eu ver na sociedade o respeito pelo farmacêutico. Mas isto ainda levará um tempo. Só virá com a sua plena qualificação profissional”.

Jaldo de Souza Santos – Parte de uma liderança é nata; outra parte, construída. Um líder é aquele que tem uma compreensão geral e setorial dos problemas, que conhece as pessoas e as suas virtudes, fraquezas, dificuldades, problemas e desejo de superação desses problemas; que conhece as suas propostas e que se dispõe a assumir a dianteira de um grupo, de uma categoria profissional, mas sempre com humildade.

Um líder precisa admitir as suas limitações e erros e buscar transformá-los em acerto. Ele precisa estar nos lugares onde é requisitado e, se possível, antecipar-se e ir, lá, antes mesmo de ser requisitado, quando tem a plena certeza de que a sua presença, ali, vai ajudar a melhorar as coisas. Às vezes, ele tem que estar em vários lugares, ao mesmo tempo, num quase desafio às leis da Física.

Importante a um líder é saber ceder e recuar, quando preciso, para poder avançar, lá na frente. Se há um sentimento que jamais deve estar no coração de um líder é o ódio. Ódio não combina com liderança. Muitas vezes, o falso líder tem a impressão de que está marcando posição, de que está tendo um ganho importante, através de uma ação odiosa. Mas, depois, ele perde tudo.

A maior qualidade de um líder é trabalhar, mas trabalhar mui-

to. Outra virtude fundamental, mas dolorosa, é quando ele tem que dizer *não*. Mas é preciso saber fazê-lo. Mesmo para dizer *não*, um líder precisa ter firmeza e ternura. Às vezes, é necessário mudar o caminho. Não raramente, essa mudança exige rapidez. É, aí, que entra a intuição, mas sempre associada à razão, à análise da decisão.



PHARMACIA BRASILEIRA – Quando a sua obra à frente do CFF estará concluída?

Jaldo de Souza Santos – Estará concluída, quando eu ver na sociedade o respeito pelo farmacêutico. Mas isto ainda levará um tempo. Só virá com a sua plena qualificação profissional.

PHARMACIA BRASILEIRA – Qual a sua obra que o senhor destaca como principal como Presidente do CFF?

Jaldo de Souza Santos – Acho que a minha gestão junto aos meus colegas diretores ajudou a edificar algumas obras importantes. Algumas são "invisíveis", pois estão assentadas em princípios filosóficos, em mudanças culturais. Uma delas foi a iniciação do processo de afirmação da atenção farmacêutica. É um processo lento, que envolve, não só o profissional, mas o proprietário da farmácia, o administrador hospitalar, o médico, o enfermeiro, vez que é um conjunto de atividades que acontece, multiprofissionalmente, e a própria sociedade.

Não é fácil chegar para um farmacêutico, que vem de uma cultura na qual a farmácia foi considerada um estabelecimento comercial, onde se *vende* medicamento como uma mercadoria, sem os

cuidados que a dispensação requer, e em que ele (o farmacêutico) é considerado um apêndice, alguém que tem apenas a função de regularizar o estabelecimento com a sua responsabilidade técnica – ele, muitas vezes, nem vai ao local – e lhe dizer:

- Você é um importante profissional da saúde e, enquanto tal, pode e deve assumir o estabelecimento

como um líder sanitário em sua comunidade. Você precisa atuar, focando os seus serviços no paciente, dentro da perspectiva da atenção básica, e não apenas no medicamento, isoladamente.

Falar isso, não é fácil. Cobrar do farmacêutico uma mudança em sua conduta é menos fácil, ainda. Mas estamos conseguindo. Portanto, esta é uma obra angular de nossa gestão.

Entendo, também, como outra obra importante a nossa ajuda em favor da criação de uma consciência social por parte do farmacêutico. Há anos, a gente vem pregando isso, mostrando que ele tem responsabilidades junto à sociedade. O Brasil é um País com sérias dificuldades no acesso à saúde. Por outro lado, o farmacêutico é um profissional de saúde acessível. Se a sociedade passar a contar com os seus serviços, ele se tornará um profissional indispensável e será valorizado.

E ele sendo valorizado e indispensável, as farmácias terão que pagar mais pelos seus serviços. Mas volto a salientar o seguinte: para isso, o farmacêutico terá que estar qualificado. E é esta qualificação que estamos oferecendo, no Brasil inteiro. Portanto, veja bem que tudo funciona como uma engrenagem. Se todas as peças se

encaixarem e se tiverem bem azeitadas, a profissão vai deslanchar.

Não posso deixar de citar que o Conselho fez outra obra valiosa: quando tudo era uma aridez no campo das discussões sobre o ensino acadêmico de Farmácia e em meio a uma crise gerada pela necessidade de mudanças – mas ninguém queria iniciar o processo de mudanças -, nós criamos a Conferência Nacional de Educação Farmacêutica e o Fórum Nacional e a eles convidamos todos os segmentos envolvidos com o setor: coordenadores e diretores de cursos, professores, acadêmicos, especialistas no assunto tanto do Ministério da Educação, quanto de universidades públicas e privadas, e farmacêuticos.

Essas Conferências e Fóruns foram um divisor de água na história do ensino de Farmácia, pois, neles, foram elaboradas, apreciadas e votadas, democraticamente, as Diretrizes Curriculares, que, até então, não existiam. E, em seguida, elas foram encaminhadas ao MEC, que as aprovou. As Diretrizes atualizaram e humanizaram o ensino e

O mundo tomou consciência de que, sem farmacêutico, a saúde fica a menor. Os serviços públicos e privados de saúde dos Estados Unidos e Europa têm no farmacêutico uma barreira contra os desperdícios com medicamentos, contra a internação hospitalar desnecessária, contra o uso irracional de medicamentos”.

deram a ele um norte. Foi, neste processo, que surgiu a figura do farmacêutico generalista.

Os nossos esforços, agora, são no sentido de ajudar as universidades a se adequarem às Diretrizes. Este é outro processo difícil, pois o novo causa, sempre, uma perplexidade e algumas reservas, mas estamos avançando. Algumas unidades de ensino já implantaram as Diretrizes; outras estão em processo de implantação.

PHARMACIA BRASILEIRA – Dr. Jaldo, em 2006, o senhor completará 50 anos como farmacêutico, formado pela então Faculdade de Farmácia e Odontologia de Goiás que, depois, passaram a faculdades da Universidade Federal de Goiás (UFG). De tudo o que o senhor já viu e viveu como farmacêutico, nesses anos, o que mais o marcou?

Jaldo de Souza Santos – Sem dúvida, é o fato de o farmacêutico não ter, ainda, conquistado a sua plenitude profissional. Ele não se sente completamente realizado. Está, sempre, buscando fazer algo que ainda não realizou. Ele precisa de uma realização que lhe dê a sensação de completude dentro do seu coração. Isso é marcante e mexe profundamente comigo. Mas as causas deste fenômeno são muito mais complexas e têm raízes históricas.

É um fenômeno que passa pela perda de reconhecimento dos seus serviços pela sociedade com o advento do medicamento industrializado, que passa pela ainda não aceitação de sua atuação nos serviços básicos de saúde pública, que passa pelos baixos salários. Tudo isso gera um outro fenômeno – o da baixa estima profissional. Mas uma realidade positiva está em construção e eu me orgulho muito de ser um agente desse processo.

A valorização profissional do farmacêutico é um processo sem volta. O mundo tomou consciência de que, sem farmacêutico, a

“Aquele foi um momento muito difícil e representativo, não necessariamente para mim, que o vivi na carne, mas para toda a categoria, que o acompanhou, no País inteiro, e sofreu como eu sofri. Fomos arrancados do nosso próprio lar profissional e jogados contra a sociedade, ou vice-versa”.

saúde fica a menor. Os serviços públicos e privados de saúde dos Estados Unidos e Europa têm no farmacêutico uma barreira contra os desperdícios com medicamentos, contra a internação hospitalar desnecessária, contra o uso irracional de medicamentos. E a sociedade o procura como um aliado. Esta realidade começa a se firmar, também, no Brasil.

PHARMACIA BRASILEIRA – Há um momento em sua vida que o senhor cita muito, e com emoção, que foi a perda da propriedade de suas farmácias, em Goiânia, nos anos 60, pelos seus contemporâneos farmacêuticos. O que ficou desse episódio?

Jaldo de Souza Santos – Aquele foi um momento muito difícil e representativo, não necessariamente para mim, que o vivi na carne, mas para toda a categoria, que o acompanhou, no País inteiro, e sofreu como eu sofri. Foi o instante em que começamos a perder o nosso espaço, o nosso prestígio. Fomos arrancados do nosso próprio lar profissional e jogados contra a sociedade, ou vice-versa.

Todos os meus colegas farmacêuticos de Goiânia que tinham

as suas farmácias, naquele tempo, perderam as suas propriedades pela pressão da nova realidade. Fui o único que conseguiu, a duras penas, resistir àquela asfixia. Um amigo que havia vendido o seu estabelecimento disse que eu era “o últimos dos jequitibás”. Mas a lembrança de cada uma farmácia sendo fechada, ou vendida para leigos, é muito viva e ainda dói. Foi como perder um ente querido.

PHARMACIA BRASILEIRA - E que boas lembranças o senhor guarda desses anos como farmacêutico?

Jaldo de Souza Santos – Tive momentos bons, que me deram alegria profissional e compensaram aquele instante de perda. Por exemplo: certo dia, eu estava ao balcão de minha farmácia, quando chegou uma mãe trazendo uma criança desmaiada. Ela a colocou em meus braços e disse, aos prantos: “Salve o meu filho”.

O menino havia caído e batido a cabeça. Corri com ele ao hospital, onde foi diagnosticado a presença de um coágulo formado devido ao traumatismo decorrente da pancada. Eu acompanhei o procedimento médico. O médico fez uma cisão, retirou o sangue e praticamente ressuscitou a criança.

Várias outras lembranças marcam também a minha vida. Lembro-me das muitas pessoas que chegaram à minha farmácia, precisando de um socorro. E pude lhes dar esse socorro. Fazer algo pelos outros é bom demais. A outra lembrança boa é isso que já falei: este novo ambiente que está sendo criado dentro da profissão, marcado pela sedimentação da atenção farmacêutica, do surgimento da consciência social, principalmente entre os colegas que estão saindo das universidades. É em favor disso que eu deixo, toda semana, a minha família e venho para Brasília, ou ando por este mundo inteiro. Mas a Farmácia é a minha vida. Não posso viver sem ela.